

A GRANDE DERROTA: COMO A PÓS-MODERNIDADE NOS ENGOLE POR DENTRO

SUMÁRIO EXECUTIVO

Vivemos rodeados de telas, números e promessas de progresso. Trabalhamos mais do que nunca, consumimos imagens sem parar, acreditamos na ilusão de que a tecnologia resolverá todos os problemas: da política à solidão. E, no entanto, nunca estivemos tão cansados, tão confusos e tão frágeis diante do futuro.

Foi desta inquietação que nasceu a tese *A grande derrota*, defendida na Universidade do Minho em 2025, que mergulha nas entranhas da modernidade e da sua filha rebelde, a pós-modernidade. O título soa pesado, quase apocalíptico. E talvez o seja. Mas mais do que anunciar um fim, este estudo é um retrato cru de um tempo em que as promessas de liberdade, bem-estar e sentido se esvaziam rapidamente.



IDEIAS



15 DE SETEMBRO DE 2025



RICARDO ZOCCA

CENTRO DE ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO E
SOCIEDADE DA UNIVERSIDADE DO MINHO



CITAÇÃO

Zocca, R. (2025). *A grande derrota: como a pós-modernidade nos engole por dentro*. *Communitas Think Tank – Ideias*.
Online: <https://www.communitas.pt/ideia/a-grande-derrota-como-a-pos-modernidade-nos-engole-por-dentro/>

A grande derrota: como a pós-modernidade nos engole por dentro

O que é, afinal, a grande derrota?

A modernidade, que se ergueu com máquinas a vapor e fábricas iluminadas, acreditava no progresso contínuo. Havia fé na ciência, na razão, na técnica. Tudo parecia apontar para um futuro melhor. A pós-modernidade, pelo contrário, chega com cansaço. Desconfiamos das grandes narrativas, relativizamos verdades, fragmentamos certezas. Ganhámos diversidade, pluralidade, múltiplos olhares, mas perdemos o chão comum.

A “grande derrota” não é necessariamente uma batalha perdida contra inimigos externos. Trata-se da incapacidade de sustentar a vida com significado num mundo dominado pelo capital, pela técnica e pela velocidade. É o vazio que se instala quando tudo vira produto: o trabalho, o lazer, a arte, até a morte.

A “grande derrota” não é necessariamente uma batalha perdida contra inimigos externos. (...) É o vazio que se instala quando tudo vira produto: o trabalho, o lazer, a arte, até a morte.

Três esferas da vida pós-moderna: trabalho, lazer e morte

Para dar corpo a esta reflexão, a tese mergulha em três dimensões universais da experiência humana: o trabalho, o lazer e a morte. Três pontos de apoio que estruturaram sociedades ao longo da história e que hoje se encontram em mutação radical.

O trabalho: do sonho de ascensão à precariedade permanente

No início do século XX, economistas como Keynes ou Mill imaginavam um futuro em que o trabalho humano seria reduzido drasticamente. As máquinas fariam o pesado, e restaria ao homem dedicar-se à cultura, à filosofia, à arte. Cem anos depois, a realidade é outra: trabalha-se muito, em condições muitas vezes precárias, e sob a promessa enganadora da meritocracia.

A ideia de que “quem se esforça consegue” é uma versão moderna do mito da pureza, como dizia Bauman. Mas essa pureza é ilusória. Num mundo de algoritmos, contratos temporários e plataformas digitais, o esforço não garante ascensão. Garante apenas sobrevivência, com sorte.

O lazer: quando até o descanso é capturado pelo consumo

O lazer, que poderia ser um espaço de liberdade, tornou-se refém da lógica do mercado. Assistimos séries em maratonas que mais nos exaurem do que nos descansam. A Netflix, estudada na tese, é exemplo perfeito: uma plataforma que promete diversidade, mas que funciona como fábrica de consumo massivo. Assistir virou um ato compulsivo, e não um espaço de contemplação.

A arte também sofre esse destino. O videoclipe do artista estoniano Tommy Cash, analisado na investigação, expõe esse grotesco: um humor ácido que mostra como tudo, até mesmo o choque, pode ser convertido em produto viral.

A morte: o tabu da pós-modernidade

Se o trabalho e o lazer se tornaram mercadoria, a morte virou um tabu. Outrora celebrada em rituais, transformada em mito, lembrada em cemitérios, hoje a morte é escondida. Ariès chamou-lhe “a morte proibida”. Vive-se como se ela não existisse, anestesiados por entretenimentos que afastam da consciência da finitude.

Mas, paradoxalmente, a morte aparece como espetáculo. Filmes, notícias, videogames e narrativas políticas recorrem a ela constantemente, ora como ameaça, ora como ferramenta de poder. Bolsonaro, Trump e outros líderes surfaram nesse imaginário, oferecendo “soluções fáceis para problemas complexos” em sociedades cansadas e divididas.

Mas, paradoxalmente, a morte aparece como espetáculo. Filmes, notícias, videogames e narrativas políticas recorrem a ela constantemente, ora como ameaça, ora como ferramenta de poder.

Quatro análises, um retrato do presente

A tese propõe quatro análises culturais que ajudam a perceber este cenário:

1. Uma notícia política de 2019 no Brasil — que mostrou como sociedades divididas naturalizam o anômalo e reabilitam discursos autoritários.
2. O videoclipe de Tommy Cash — um mergulho no grotesco e na ironia como reflexo de um tempo sem centro.
3. O cinema contemporâneo — com obras como Parasita, Joker e Bacurau, que expõem a precariedade, a desigualdade e o mal-estar coletivo.

4. A Netflix — símbolo de uma cultura de dados e consumo massivo, onde até o lazer é medido, controlado e rentabilizado.

Juntas, estas análises não oferecem respostas fáceis, mas um mosaico inquietante. Revelam uma sociedade que se olha no espelho e vê fragmentos, ruínas e promessas quebradas.

A economia como esfera-mãe

No fundo, o que liga todas estas dimensões é a economia. Não como ciência neutra, mas como cultura dominante. O capitalismo tardio tem uma característica voraz: transformar tudo em mercado. O lazer, a arte, a saúde, a vida íntima, nada parece sair ileso.

O capitalismo tardio tem uma característica voraz: transformar tudo em mercado. O lazer, a arte, a saúde, a vida íntima, nada parece sair ileso.

O crescimento desenfreado das fortunas bilionárias e a crescente exclusão social mostram o lado obscuro dessa dinâmica. Mas há também um risco para os próprios ultra ricos: se a maioria perde poder de compra, até a acumulação de quem está no topo fica ameaçada. É como um castelo erguido sobre areia movediça.

A ascensão do simplismo e populismo

Num mundo saturado de dados, informações e incertezas, muitos procuram refúgio na simplicidade, pois há uma dificuldade intrínseca em olhar criticamente para a situação corrente. É aí que discursos populistas florescem. Trump, Bolsonaro e outros líderes oferecem frases curtas, certezas absolutas e inimigos claros. A complexidade do real é substituída pela pureza de slogans.

Mas essa pureza é perigosa. Ela reanima fantasmas antigos: xenofobia, misoginia, perseguição a minorias, anti-ciência, além de fragilizar democracias. Não se trata apenas de política, mas de um sintoma mais profundo de sociedades exaustas e inseguras.

Um ciclo sem fim?

A “grande derrota” é, em última análise, o esvaziamento simbólico da vida contemporânea. É a sensação de que se trabalha sem sentido, descansa-se sem descanso e morre-se sem que se fale da morte. É a captura de tudo pelo capital e pela técnica.

Mas há também, no fundo, uma chama de resistência. Filmes como Parasita

ou músicas como as de Tommy Cash revelam a insatisfação. Há inquietação no ar. Talvez estejamos à beira de ruptura, ou apenas repetindo ciclos de ascensão e queda, como tantas vezes na história.

O certo é que, ao olhar para o presente, a tese não se limita a lamentar. Ela convida a imaginar novos horizontes, ainda que frágeis. Convida a reviver e revisar utopias, a inspirar-se no potencial humano e, principalmente, a desejar mais para a humanidade.

Epílogo: imaginar Sísifo feliz

O estudo termina com uma imagem inspirada em Camus: a de Sísifo, condenado a empurrar eternamente uma pedra montanha acima. O fardo da pós-modernidade é pesado, mas talvez a saída esteja em encontrar sentido no próprio ato de carregar a pedra.

Reconhecer a derrota não é desistir. É aceitar que vivemos um tempo de transição, de crise e de paradoxos. E, a partir daí, procurar novos modos de vida, novas formas de comunidade, novas possibilidades de significado.

A pós-modernidade talvez não seja o fim, mas apenas mais um ciclo da história humana, feito de ascensão e queda, como todos os outros. O desafio é este: **não deixar que a derrota seja total, e encontrar, no meio dos escombros, possibilidades de reconstrução.**

Vivemos um tempo em que a técnica promete salvação, mas traz consigo novas formas de escravidão. A economia organiza tudo, mas cria desigualdades insustentáveis. O lazer é colonizado pelo consumo, e a morte é varrida para debaixo do tapete.

A grande derrota talvez seja inevitável. Mas reconhecer a sua existência é o primeiro passo para resistir. Como escreve Camus, é preciso imaginar Sísifo feliz! Não porque a montanha seja leve, mas porque na própria luta há a possibilidade de sentido.

Este trabalho é apoiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do Financiamento Plurianual do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade 2020-2023 (que integra as parcelas de financiamento base, com a referência UIDB/00736/2020/, e financiamento programático, com a referência UIDP/00736/2020).



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons - Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arendt, H. (2012). *Origens do totalitarismo*. Companhia de Bolso.
- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Jorge Zahar.
- Bregman, R. (2018). *Utopia para realistas*. Bertrand Editora.
- Butler, J. (2015). *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto*. Civilização Brasileira.
- Camus, A. (2019). *O mito de Sísifo*. Record.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1997). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Editora 34.
- Durand, G. (1993). *A imaginação simbólica*. Edições 70.
- Eco, U. (2006). *Apocalípticos e integrados*. Perspectiva.
- Flusser, V. (2006). Do inobjeto. *Ars*, 4(8), 30–35.
- Foucault, M. (2013). *Vigiar e punir*. Edições 70.
- Fukuyama, F. (1989). The end of history? *The National Interest*, 16, 3–18.
- Habermas, J. (2022). *Teoria da ação comunicativa* (Vol. 1). Editora UNESP.
- Han, B.-C. (2022). *Infocracia: digitalização e a crise da democracia*. Vozes.
- Lyotard, J.-F. (2009). *A condição pós-moderna*. José Olympio.
- Maffesoli, M. (2002). Utopias e divino social. In Martins (Ed.), *Comunicação e Sociedade* (4th ed., pp. 11–25). CECS.
- Mandel, E. (1998). *Late capitalism*. NLB.
- Martins, M. L. (2017). A linguagem, a verdade e o poder - ensaio de semiótica social. Famalicão, Edições Húmus. 2.ª Edição. <https://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>

Marx, K., & Engels, F. (2020). *Manifesto comunista*. Guerra e Paz.

McLuhan, M. (1962). *The Gutenberg galaxy*. University of Toronto Press.

Nietzsche, F. (2016). *Assim falava Zaratustra*. Nova Fronteira.

Rosa, A. P. (2022). Conflitos mediados: das vidas perdidas à política das imagens em circulação. *Líbero*, 52, 92–109.

Warburg, A. (2010). *Histórias de fantasmas para gente grande*. Companhia das Letras.